

# A VOZ de MELGAÇO

Proprietários: A. LUÍS VAZ e JÚLIO H. VAZ

Director e Administrador: JÚLIO HILARIÃO VAZ

Subdirector: CARLOS NUNO VAZ

Redacção e Administração: Largo da Senhora-a-Branca, 105 — BRAGA ★ ANO XXXI — N.º 601 — Melgaço, 1 de Dezembro de 1976 ★ Tip. Augusto Costa & C.a, L.da - Tel. 22455 - Braga

## Armando da Mota Solheiro

Tinha o nosso jornal de assinalar o passamento de Armando da Mota Solheiro neste local.

O «fundo» dos jornais reserva-se para as ideias revolucionárias, para os acontecimentos históricos, e para os grandes homens. E grandes homens são todos aqueles que na vida marcaram uma conduta que enobrece a natureza e eleva a sociedade. E estes obreiros são aqueles que, sobretudo, se impuseram pelo carácter, pelo cumprimento do dever, pelo sentido de bem servir.

Armando da Mota Solheiro era um deles.

Herdeiro de um nome que todo o Melgaço admirou e respeitou e que o Povo consagrou numa das suas praças e no próprio edifício da Câmara, Armando da Mota Solheiro copiou-lhe a rectidão de carácter, o apuro cívico, o escrúpulo em bem cumprir o dever, as boas maneiras para com todos, a altivez da honra, e o orgulho da humildade.

A palavra de Armando da Mota Solheiro era uma escritura.

Escravo da verdade, não a traía nem contra um adversário, mesmo que o não houvesse tratado com justiça. Ainda o testemunhou o ano passado em depoimento oficial. Conhecemos bem o caso.

Lhano para com todos, era exigente nos seus direitos, como pessoa, como cidadão e como funcionário. Não vergava aos de «cima», porque ele os superava com as suas belas qualidades.

Aí por 1949 foi o Director deste jornal processado por «crime de abuso de liberdade de imprensa».

Foi uma questão política, e os políticos de então, desde a União Nacional ao Presidente da Câmara, até aos políticos distritais e ao Ministro do Interior, dr. Trigo de Negreiros, tudo se colocou na ofensiva contra o Director de «A Voz de Melgaço».

O Director, porque residia em Braga, tinha por lei de arranjar quem o representasse na Vila de Melgaço.

Aceitou essa ingrata tarefa, o Armando da Mota Solheiro.

Um dia, o Presidente da Câmara de então, teve a ousadia de, a despropósito, lembrar ao Armando que era funcionário da Câmara... Armando Solheiro replicou pronto e firme: «Lembro ao sr. Presidente que só me pode falar em assuntos de serviço»...

Era assim Armando da Mota Solheiro: nobre, ativo, corajoso e amigo.

(Continua na 4.ª página)

## 1.º DE DEZEMBRO

*Celebra-se hoje a data gloriosa do 1.º de Dezembro, que assinala a revolta contra o jugo de Castela.*

*Que esta data sirva de estímulo à reacção dos portugueses contra quem de dentro ou de fora ameaça a nossa independência nacional.*

## Melgaço na Guerra da Independência e da Sucessão de Espanha (1640-1715)

(Continuação)

Cap.º VIII

Ano de 1944

AS TROPAS INSTALADAS NO CONVENTO DE FIAES PEGAM DE NOVO FOGO A MONTERREDONDO

À intensa actividade do verão de 1641, sucedeu o quase immobilismo dos anos 42-43. A luta desloca-se para o rio Minho, desde Salvaterra, que fora conquistada pelos portugueses, até à foz, em Caminha.

O súbito ataque a Destriz, junto de S. Gregório, é apenas um episódio.

Os galegos postavam-se na defensiva, incapazes de deter as investidas dos portugueses na fronteira de Orense. Assim no-lo diz o cronista Galego, Benito F. Alonso, em «Guerra Hispano-Lusitana» (!): «Em la ciudad (de Orense) permanecian constante-

## CARTA DE LISBOA

Basta de demagogia

A onda de greves que tem alastrado pelo País nos últimos tempos, somadas àquelas que já se anunciam e que são preparadas na mesma «forja» das anteriores deixam antevar um futuro carregado de dúvidas e incertezas para a nossa já depauperada economia. Não é por acaso que os «mestres da

batuta» as fazem desencadear em chamados períodos quentes como este que antecede as eleições para as autarquias locais. A tática não é nova e não surpreende todos os que, mesmo apartidários como nós, vão seguindo a evolução da política nacional com um mínimo de interesse que deve merecer a qualquer cidadão tudo o que se relacione com a vida do País. A recente greve da panificação que afectou sobremaneira as camadas mais desfavorecidas da população de Lisboa e Porto é a prova real de que para certos iluminados da verdade única e absoluta os meios não interessam desde que se atinjam os fins estipulados nas directrizes importadas que fiel e servilmente cumprem sem vacilar. Independentemente das razões que possam assistir aos laboriosos trabalhadores da panificação — e estamos certos que em alguns pontos a razão está do seu lado —, a solução extrema que os seus «patrões» resolveram adoptar não serviu nem gregos nem troianos. Primeiro porque foi altamente impopular. Segundo porque a prática de exigir reivindicações de faca apontada ao peito colide com as mais elementares regras de civismo. Qualquer Governo, seja qual tor a latitude em que se situe, estará moralmente demitido se aceitar negociar em tais condições. Ao Ministério do Trabalho só restou a alternativa da recusa categórica, sob pena de abrir um precedente perigoso na política que lhe cumpre

(Continua na 4.ª página)

## POR TERRAS DE PAÇOS

No dia 31 de Outubro fui a Paços em romagem de saudade e de amizade; abraçar o prezado amigo Vitorino Pires, pela morte do pai.

Paços, para mim, é terra de gratas lembranças e saudosas recordações.

Poucos conterrâneos se terão apercebido da beleza rara do conjunto que é Chaviães e Cristóval, com Paços, ao centro.

Recordo-me bem de em 1968, quando de avião viajava de Zurique para Génève, na Suíça, em determinada altura ter exclamado: «Mas isto é uma paisagem da minha terra».

Referia-me ao conjunto referido. Amigos que conseguem ultrapassar Monção e chegam a S. Gregório ficam deslumbrados com a paisagem desde a Vila de Melgaço à Fronteira. Sem dúvida mais ampla e, portanto, mais rica e expressiva, quando vista da estrada da vila para Fiaes.

Não foi, porém, a beleza que me levou a Paços no último dia de Outubro. Foi a saudade, e a amizade.

## Evocação saudosa...

O sr. António Alberto Pires, era uma das pessoas que ainda se designam por «Portugal Velho». Nele a lealdade, a dignidade, a bondade e a modestia casavam-se em roupagem admirável, confeccionada à maravilha em cepa rija e ancestral e cultivada longamente numa vida exemplar.

\* \* \*

Desde muito novo que íamos a Paços, descendo da Adedela até às margens do Minho.

E destas dezenas de anos foram surgindo do ficheiro da memória nomes e factos.

Lembrei-me da digníssima sr.ª Ana de Paços, com dois irmãos padres, mãe do Abílio Lopes, casado em Braga com D. Maria Amélia Brandão Lopes. O Abílio Lopes era muito conhecido na cidade de Braga pela sua cultura, pelo convívio alegre e expansivo, pelo irrequietismo, que o levou ao Brasil, onde morreu.

A sr.ª Ana, que, pela virtude e gentileza, era conhecida, admirada e respeitada de todos, perfumou essa linda terra com o perfume da virtude.

Jamais esquecerei que desejei confiar uma preciosa relíquia de seus irmãos padres — um fino roquete — a meu saudoso irmão, padre Carlos.

A seguir recordei o professor Dâmaso Lopes, expressão da juventude perene, tal a sua vitalidade física e espiritual, o seu nervosismo irrequieto, o seu estilo cortante.

Nos jornais da terra deixou muita colaboração. «Gri... Gri... Gri...» era o título da secção que o Grilo escrevia.

Despertou muitos cidadãos pacatos, irritou muitos funcionários autoritários, defendeu corajosamente os espoliados. Dâmaso Lopes foi um distinto professor primário e bairrista insubstituível.

(Continua na 4.ª página)

mente, dispuestos, ensillados e embridados, doce caballos, de posta con sus correspondentes postillones para comunicar preurosos las ordenes necessarias cuando la urgencia del caso lo requiriese.

Hasta el año de 1645, merced a las precauciones del exercito y a la vigilancia de los paisanos que dia y noche velaban sobre las armas, pudieron contener-se a duras penas las intenciones de los portugueses, que, empeñados cada vez mas en sus bélicas invasiones, entran y saltan por los pueblos fronterizos, causando estragos en las haciendas y exarcebando los animos, siendo manifiesta ya la necesidad de atajar la desvacion que los soldados lusitanos continuamente ocasionaban.

O Conde de Castelo-Melhor continua à frente do governo de Entre-Douro-e-Minho. Ocupada a vila de Salvaterra, dali dominando Tui e os movimentos das tropas de Castela na Galiza, mal chegou o bom tempo, deu prdem ao capitão D. João de Sousa, a António de Sousa Meneses, governador de Melgaço, e ao capitão António Alvaro, para que entrassem na Galiza com mil soldados de infantaria, pagos e da Ordenança, atravessando a fronteira em Fiaes.

De novo foi atacado e destruído pelo fogo Monterredondo, já reedificado, bem como três outras povoações vizinhas. Acometidos pelos galegos, puderam vencê-los e regressar ao país sem dificuldades de maior.

A partir daí, a luta volta a deslocar-se para o rio Minho, desde Salvaterra à foz, sendo os êxitos dos portugueses constantes. É de referir a façanha dos portugueses em Lanhelas, quando os espanhóis tentaram desferrar-se, ali, das derrotas sofridas ao longo da fronteira: os castelhanos deixaram 600 mortos e 50

(Continua na 3.ª página)

## Estrela do Minho

Recebemos, como oferta, a «Estrela do Minho», publicação mensal, de que é Director Manuel João Garcia Dias da Costa.

Gratos pela oferta.

## Será verdade, Sr. Governador?

Chegou aos nossos ouvidos que, na freguesia de Ferreira, do concelho de Paredes de Coura, se realizou uma obra importante e em pouco tempo: a electrificação.

Que o Sr. Governador Civil, ligado pelo sangue àquela freguesia, atendeu o pedido do povo e que já há postes e fios, para a electrificação.

Entretanto parte de S. Paio e Rouças em Melgaço, tem postes sem fios, há meses, e aguardam a luz, há anos, com os presos legais vencidos, há muito...

Será verdade, sr. Governador, o que se diz a respeito da freguesia de Ferreira?



# Melgaço na Guerra da Independência

(Continuação da 1.ª página)

prisioneiros, entre eles um sargento-mor e quatro capitães de infantaria.

Apesar deste sucesso, o Conde de Castelo-Melhor mandou novamente ao capitão António de Abreu que entrasse pela Galiza, partindo de Melgaço. Ele assim o fez, tendo incendiado a vila de Crespos e outras vizinhas, retirando sem dano.

Como represália, o Marquês de Távora quis entrar no castelo de Castro Laborreiro reunindo 4000 soldados de infantaria e 200 de cavalaria para o efeito. Dentro do recinto, encontrava-se apenas Pedro de Faria, governador, mais 20 soldados pagos. Mandou convocar mais 200 camponeses e, com esta reduzida tropa de defesa, conseguiu resistir, vitorioso, ao inimigo, que retirou, vencido, deixando mortos e feridos no local.

Quem conhece a situação privilegiada do castelo, de si inacessível, não compreende que o castelhano se tivesse sujeito ao desaire que sofreu com a loucura de investir um recinto que não podia conquistar.

Continuaram os sucessos bélicos ao longo do rio Minho, sendo de assinalar a vitória dos portugueses, que conseguiram arrebatar 35 barcos ao inimigo, assim evitando que eles pudessem atacar Caminha.

Os castelhanos não suportavam a presença dos portugue-

ses em Salvaterra e tudo fizeram para os desalojar, mas em vão. O Conde de Castelo-Melhor era invencível. É de assinalar, neste momento, a surtida do mestre de Campo, Diogo de Melo, que entrou pela Galiza dentro para afastar os espanhóis, que se preparavam para reconquistar Salvaterra e, depois de ter conseguido afastá-los com os 700 soldados de infantaria que levava, conseguiu atravessar o Minho, de regresso a Portugal, se estreita, onde o rio Minho se estreita, assim fugindo aos ataques dos espanhóis que o esperavam na estrada de Salvaterra com 2000 soldados de infantaria, supondo que ele havia de regressar a Salvaterra, donde saíra.

Havia já entrado o Inverno e o Conde de Castelo-Melhor entendeu que deveria acudir a Chaves, que estava em perigo de ser atacada pelos soldados de Castela. Para atalhar distância, os portugueses entraram pela Galiza dentro, atravessando-a para pegar fogo a Cravessando-a para dali regressando a Entre-Douro-e-Minho cobertos de louros.

E nada mais rezam as crônicas em relação ao ano de 1644, que, aliás, foi muito movimentado.

A. LUIS VAZ

(1) Guerra Hispano-Lusitana, já citado, pág. 18.

# S. Francisco de Assis morreu há 150 anos

No passado dia 4 de Outubro, que o calendário litúrgico dedica a S. Francisco de Assis — o santo, o poeta e o louco da pobreza — uma peregrinação portuguesa esteve junto do túmulo do santo, em Assis, cidade italiana.

Tornou-se famoso o seu cântico do sol ou cântico da alegria, que sobresale e descrente, mas com sensibilidade, lêem com respeito e amor.

O Sol que aquece e ilumina o homem, de dia; a lua e as estrelas que brilham na noite; o vento e as nuvens, a água e o fogo, a terra, os homens pacíficos e os que sofrem, a morte

todas as criaturas hão-de louvar o bendizer o Altíssimo, a quem são devidos louvor e glória.

Altíssimo e omnipotente, bom Senhor Teus são o louvor, a glória e a honra e todo o bendizer. A ti somente, Altíssimo, são devidos e homem algum é digno sequer de nomear-te.

Louvado sejas, meu Senhor, com todas as criaturas, especialmente o senhor irmão Sol, pois ele é dia e nos ilumina por si.

E ele é belo e radiante, com grande esplendor. E traz o teu sinal, ó Altíssimo.

Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã lua, e pelas estrelas no céu as formaste luminosas, e preciosas e belas.

O poeta louva o Criador, pela criação, e a lua e as estrelas. Deus é o tu, com quem o poeta dialoga, louvando-o e agradecendo-lhe os benefícios e a beleza da terra e da água, e do fogo, do vento e das nuvens.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão vento e o ar e as nuvens, e o céu sereno e toda a espécie de tempo,

pelo qual as tuas criaturas dás sustento. Louvado sejas, meu Senhor, pela irmã água a qual é muito útil e humilde, e preciosa e casta.

Louvado sejas, meu Senhor, pelo irmão fogo com o qual ilumina a noite e ele é belo e alegre e vigoroso e forte.

Louvado sejas, meu Senhor, pela nossa irmã e mãe terra, que nos alimenta e governa e produz variados frutos e coloridas flores e ervas.

A contemplação da beleza e da utilidade dos elementos da natureza faz irromper dos lábios e da alma do poeta o cântico da alegria que incarna no louvor e no agradecimento.

Louvado sejas, meu Senhor, por aqueles que perdoam, por teu amor,

e suportam enfermidades e tribulações. Bem-aventurados os que sofrem em paz, que por ti, Altíssimo, serão coroados. Louvado sejas, meu Senhor, por nossa irmã, a morte corporal da qual ninguém pode escapar.

Ai daqueles que morrem em pecado mortal! Felizes os que estão na tua santíssima vontade, que a morte segunda não lhes fará mal.

Louvai e bendizei a meu Senhor e rendei-lhe graças e servi-o com grande humildade!



Tribunal Judicial da Comarca de Melgaço

## Anúncio

Pelo Juízo de direito desta Comarca, no processo tutelar civil — ACÇÃO DE ALIMENTOS DEFINITIVOS — pendente na Secção de Secretaria Judicial desta Comarca de MELGAÇO, em que é REQUERENTE — Armanda de Fátima Esteves, casada, doméstica, residente no lugar do Granjão da freguesia de Paderne, representada pela filha Sónia Maria Esteves Rodrigues, menor de um ano de idade, consigo residente e REQUERIDO — José António Rodrigues, operário da construção civil, ausente em parte incerta da França, com a última residência conhecida em Granjão — Paderne — Melgaço, é este requerido citado para, no prazo de OITO DIAS e finda que seja a dilacção de trinta dias, contada da data da segunda e última publicação deste anúncio, contestar, querendo, o pedido de Alimentos definitivos pedidos por sua mulher Armanda de Fátima Esteves para sua filha SÓNIA MARIA ESTEVES RODRIGUES, cujo quantitativo mensal não será inferior a MIL E QUINHENTOS ESCUDOS, a partir da propositura da presente ACÇÃO, importância esta ou aquela que vierem a ser fixados os alimentos em causa, a remeter pelo requerido ao requerente, para o lugar do Granjão — Paderne — Melgaço, até 8 do mês a que disserem respeito,

Melgaço, vinte e cinco de Outubro de 1976.

O Juiz de Direito,  
António Elvas Lopes Quadrado

O Escrivão de Direito  
José Henrique Pinheiro Calheiros



### Móveis Record

de Gracinda Costa Teles e Domitil Veiga

Rês do Chão da Casa do Povo — MELGAÇO

### Móveis Castelo

— DE —

RAMIRO DE LIMA A. CERQUEIRA

Rua das Escolas

MELGAÇO

Móveis completos — Móveis avulso — Colchões de molas e espumas SUNDLETE — Divãs articulados — Candeieiros — Alcatifas — Tapeçarias, etc..

### Tintas e Vernizes

Em BRAGA procure na DROGARIA DO MERCADO. Preços de revenda. Qualidades garantidas. Agentes dos produtos Agrícolas SAPEC, para tratamento de Pomares.

Praça Comércio, 71 — Tel. 24937 (Junto ao Mercado)

### Fany

LAVANDARIA E TINTURARIA

(a Casa que Melgaço precisava)

«Lavagens a sêco, molhado e tinturaria»

Executa serviços rápidos a preços módicos

na

RUA DO RIO DO PORTO, em MELGAÇO

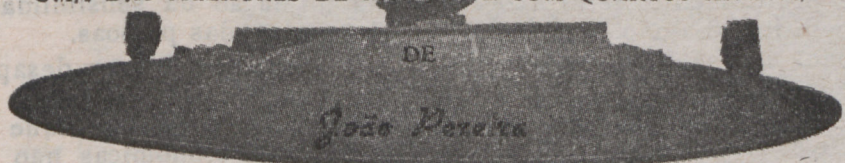
Almoços — Jantares  
Tratamento familiar  
Salas para excursões  
Higiene — Asseio

Quartos com apartamento e os restantes com água quente e fria vistas para Espanha e Rio Minho

Pensão

Central

Classificada em 2.ª classe pela sua situação turística e aprovada pelo S. N. I. UMA DAS MELHORES DE MONÇÃO E COM QUARTOS ANEXOS



PRAÇA DEU-LA-DEU

TELEFONE 52314

MONÇÃO

### A RENASCENÇA

de JOÃO MARIA DE OLIVEIRA

Rua do Rio do Porto — MELGAÇO

Telef. 42488

Nesta casa executam-se todos os trabalhos de piche-laria, instalações de quartos de banho com água quente e fria. Todos os trabalhos são executados com a máxima perfeição e rapidez a preços sem competência. Orçamentos grátis.

### Vende-se

Por motivo de regresso a Angola onde viveu durante 20 anos, vende-se a PENSAO RESTAURANTE «FLOR DO MINHO», em Melgaço. Sendo a maior Pensão da Vila, com Rês-do-Chão e dois andares, conhecida por (O 27), é também a casa de maior movimento e a que menos paga de aluguer. O seu actual proprietário, natural do concelho de Arcos de Valdevez, tendo deixado em Angola uma pequena fortuna calculada em cerca de 20.000 contos, foi convidado a regressar novamente àquela nação, agora independente.

Informa o proprietário ou Manuel Caldas, pessoalmente ou pelo telefone: 42340 — Melgaço.

## Armando da Mota Solheiro

(Continuação da 1.ª página)

Toda a sua vida se passou no serviço dos interesses do Concelho: na Câmara Municipal, no Grémio da Lavoura, nos Bombeiros Municipais, na Comissão Venatória, etc..

E foi um homem extraordinário no plano difícil de bem servir o público.

Era pronto em atender a todos, sem distinção; era objectivo nos conselhos; era contundente na crítica; era fiel aos compromissos assumidos.

O seu convívio, com todos, de todas as camadas sociais. Como era sempre igual a si mesmo e porque era um carácter, onde se encontrasse todos se sentiam elevados.

Porque as suas ambições eram as do ambiente familiar, a companhia dos amigos, e a felicidade dos seus filhos, Armando Solheiro viveu sempre na terra que o viu nascer, e que desde agora lhe guarda o cadáver.

Apesar da terra ser pequena, esta não o limitou nem o alterou, nas suas belas qualidades humanas — carácter, dignidade pessoal, lealdade a toda a prova — pelo contrário, nem os homens pequenos lhe tocaram, porque não lhe chegaram aos calcanhares.

\* \* \*

Numa linda tarde do começo do Outono, há poucos anos, visitei-o em sua casa da Barronda.

Na despedida acompanhou-nos ao jardim, e apontou-nos a beleza do local, a beleza do horizonte, amplo, colorido e festivo, desde as encostas de Fiães até às serras de Paderne, e afagava uma fruteira; olhou a propriedade, e dizia-nos: «Está-se aqui tão bem. Com os meus, sem barulho, a ouvir, no Verão, a música das festas, a pensar nos meus, e a esperar o dia em que possa falar com estas árvores, e cuidar delas».

Encanto paradisíaco, a casa da Barronda!

Deixou-a no passado dia 9 de Novembro — o mês dos crisântemos em que os cemitérios parecem jardins — e, quando entrei no campo santo e vi a casa paterna tão perto, pensei na grandeza, até na morte, do Armando da Mota Solheiro: o amor aos Pais, à mulher e aos filhos. Quis ficar pertinho da casa, onde viveu com os pais, e da casa, onde deu felicidade e foi feliz: sua mulher e filhos. Junto dos pais, da mulher e dos seus filhos...

Na morte expressou a gratidão aos Pais, mais uma vez, e o amor à Mulher e aos Filhos, para sempre.

Curvamo-nos perante o seu cadáver, e balbuciamos a prece que alivia os mortos e consola os vivos: Dai-lhe, Senhor, o descanso eterno...

JÚLIO VAZ

**Bento Gomes**

EMPREITEIRO

Melgaço — Tel. 42113

**Dr. Oliveiros Rodrigues**

ADVOGADO

Largo Hermenegildo Solheiro  
MELGAÇO

Vinho do Porto **BARROS**

De todos

De todos

0  
mais saboroso

0  
mais preferido

Lágrima Christi **BARROS**  
em França o mais apreciado



**AGORA em MELGAÇO**

Para vos servir

**Tabacaria Tentudo, L.da**

S. JULIÃO — MELGAÇO

Discoteca (discos para todos os gostos desde 40\$00)  
Oficina de reparações em máquinas de escrever, somar e calcular; Artigos escolares; Livraria; Papelaria; Tabacaria; Produtos de tocador; Máquinas de escrever, somar e calcular, e o mais que V. Ex.ª poderão ver, se nos honrarem com a vossa visita.

## POR TERRAS DE PAÇOS

(Continuação da 1.ª página)

E era um artista musical.

Tocava violino. Vim-lo em muitas festividades religiosas a puxar o arco e com ele assistimos a muitos ensaios.

Era clássica, em seus lábios, a expressão: «mais uma voltinha, e isto vai...»

Nunca se impacientava; nunca perdia o bom humor.

Ai por 1949, o Presidente da Câmara de então, julgo que o Dr. Carlos Rocha, teve a má ideia de o processar por causa de uns escritos insertos em «A Voz de Melgaço».

Como a lei de Imprensa ordenava que o processo-crime se instaurasse no local onde o jornal tinha a Administração,

e «A Voz de Melgaço» tinha-a em Braga, o processo correu no tribunal desta cidade.

Conforme ordenava a Lei, o tribunal foi colectivo.

Dois conheciam bem a nossa terra: um por haver trabalhado aqui, o Juiz Armando Barbosa, de Paredes de Coura, e outro por ter ascendência em Loviô; o Juiz Mário Ferreira.

O «Grilo» nunca perdeu o canto. Nem no tribunal. Com que desenvoltura e respeito fez a sua defesa, e foi absolvido.

Na mesma altura fora eu processado pelo Dr. Júlio Outeiro Esteves. Também por questões de imprensa.

O Supremo Tribunal de Justiça despronunciou-me, pelo que nem sequer me sentei no banco dos réus.

O prof. Dâmaso soube logo da decisão do Supremo Tribunal de Justiça, pois que lha comuniquei, e fez imediatamente esta partida ao Dr. Júlio: a todos os pobres que encontrou mandou-os ao Dr. Júlio, a S. Gregório, a pedir a esmola de repartir com eles os contos de indemnização em que eu «fora condenado», dizia o prof. Dâmaso.

Era uma mentira graciosa, muito do temperamento do prof. Dâmaso.

Deus tenha em Sua Glória os dois: prof. Dâmaso e dr. Júlio. Bem como a sr.ª D. Ana e o sr. Pires. Também lembrei o querido amigo, prof. José Gomes, natural de Paços. Professor competente, e muito bondoso, deixou boa prosa no jornal da terra, e foi, julgo, vereador da Câmara Municipal.

Leccionou em Couso e Prado, donde, por concurso, seguiu para Vila Praia de Âncora, onde morreu.

Já que falei do prof. Dâmaso como músico, desejo registar, para os novos, o que havia em arte musical, há uns 50. anos na nossa terra. Havia duas bandas musicais: a do Bailão, que era a de Paços, e a da vila.

Esta correu mundo com mestre Moraes, e tanto nome deu à nossa terra!

A do Bailão era menos culta na arte.

A simplicidade e ingenuidade do mestre Bailão era tanta que uma vez lhe ouvimos imediatamente antes de dar entrada a uma peça: «já que nunca entramos todos ao mesmo tempo, a ver se é desta vez».

A música, como a pintura e o teatro, tem muita influência na formação da sensibilidade e do gosto das pessoas.

É pena que hajam desaparecido.

A verdade, porém, é que as exigências económicas não se resolviam com a arte, e daí a morte desta.

Povo bom, cristão e bairrista, o povo de Paços.

Quando, há anos, lhe exigiram que tivesse uma residência para o pároco, tudo fizeram para reaver a residência oficial. E conseguiram-no.

Ultimamente tornava-se indispensável arranjar a Igreja, e a obra fez-se em grande.

Não admira, pois, que nesse jardim, brotassem flores como as que enumerei, e que deixaram, para todos, rastros de luz, feita de virtude e de mérito.

JÚLIO VAZ

## Carta de Lisboa

(Continuação da 1.ª página)

defender como árbitro imparcial que deve ser face às razões alegadas pelas partes em confronto. Política que, diga-se de passagem, tem sido especialmente visada pelos pescadores de águas turvas que não desperdiçam a mínima oportunidade que se lhes depara para atacar a fundo as brechas mais sensíveis, como por exemplo no campo da educação. Neste sector assiste-se a uma luta titânica entre o titular da respectiva pasta e os que pretendem impôr no ensino as suas novas normas de conduta.

A demissão do Professor Teixeira Ribeiro foi o pretexto. No fundo o problema é muito mais vasto dado que os seus opositores pretendem, nada mais nada menos, continuar com as anomalias e prepotências que se vêm verificando na Universidade, à sombra de votações-relâmpago levadas a cabo por grupos de indivíduos vinculados a partidos minoritários e fortemente aguerridos, cuja finalidade última é tudo menos estudar. Neste aspecto é sintomático o que se passa no Instituto Superior Técnico transformado em arena de lutas partidárias, em oficina de cartazes de propaganda e em centro de reuniões onde se atacam sistematicamente as decisões do M.E.I.C. e do Governo. É tempo de acabar com tal estado de coisas. A Universidade tem por missão formar técnicos capazes de servir eficazmente a Nação em todos os sectores essenciais ao seu desenvolvimento. Fugir deste campo é deturpar a sua finalidade. A grande maioria dos estudantes quer efectivamente estudar e valorizar-se. Aos outros, aos adeptos do anarco-populismo e saudosistas do gonalvismo, cumpre respeitar democraticamente a vontade da maioria legalmente expressa nas leis do Governo Constitucional ou fazer as malas e partir para o «eldo-

rado» que tão cegamente defendem.

Dois anos de lutas estérteis e demagógicas, elevado grau de absentismo altamente comprometedor para as nossas necessidades económicas trazendo como consequência imediata uma balança de pagamentos perigosamente desequilibrada e uma taxa de inflação das mais elevadas da Europa, são razões mais que suficientes para nos levar a dar o nosso incondicional apoio a todas as medidas que o Governo do Sr. Mário Soares possa tomar para atenuar e progressivamente por cobro a tão perigosa e insustentável situação. Contamos com a sua acção e em última instância com o pulso firme do Senhor Presidente da República, em volta do qual nos devemos manter coesos, unidos e disciplinados. Os golpismos geradores de instabilidade e confusão devem ser denunciados e prontamente neutralizados. Sem farinha não se pode fazer pão. E é sabido que casa onde não há pão todos ralham e ninguém tem razão. Basta ter consciência das realidades presentes para se chegar a tão simples e transparente conclusão.

Lisboa, Outubro de 1976.

«Zé do Rio Minho»

**Espelhos e Cristais**

Vidros para Janelas  
Automóveis e Estabelecimentos

—  
TELHAS E TIJOLOS DE VIDRO

**Sociedade de Cristais, L.da**

Rua do Almada, 25 — PORTO — Tel. 311057

“A VOZ DE MELGAÇO,”

Annual: 80\$00 — Avença - Quinzénario — Estrangeiro: 160\$00; Avião: 200\$00

1 DEZEMBRO 1976

**MANUEL ANTÓNIO RIBEIRO**

SOLICITADOR

★

Largo Hermenegildo Solheiro  
MELGAÇO